

Introdução ao Judo na Escola - A. Nóbrega; A. Nóbrega & R. Alves

Introdução do judo no ensino escolar: a educação física escolar e o conteúdo dos desportos de combate
Introduction of Judo in school education: scholar physical education and the content of combat sports

José Nóbrega¹, Adérito Nóbrega² & Ricardo Alves¹,

¹Universidade da Madeira, ²Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Resumo

O judo é reconhecido pela UNESCO como modalidade de utilidade mundial na formação do ser humano pois representa um ótimo método de desenvolvimento motor da criança e contribui para a educação e formação baseadas no bem-estar físico e psicológico. Mas as lutas/desportos de combate, dos quais fazem parte o Judo, são um dos conteúdos do ensino escolar cuja abordagem conta com mais resistência por parte dos professores de Educação Física. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi contextualizar e justificar a lacuna existente na inserção das lutas na disciplina de Educação Física bem como apresentar possíveis estratégias que visem a introdução efetiva do judo no ensino escolar. Para isso foi realizado um enquadramento teórico no qual foram abordadas questões como a compreensão das lutas, as lutas e a cultura corporal, o ensino das lutas na escola e ainda as lutas nas três dimensões dos conteúdos. Concluiu-se que é consensual a inserção das lutas como um conteúdo importante nas aulas de Educação Física sendo que, para isso, é fundamental os professores compreenderem a importância da inserção desta temática e dos seus conteúdos na escola.

Palavras-chave: Judo; Lutas; Desportos de Combate; Ensino Escolar; Educação Física Escolar.

Introdução

Na área da Educação Física, existe muita divergência de opiniões sobre qual a terminologia a utilizar: desportos de combate/lutas/ artes marciais. Mas mais relevante do que discutir qual a terminologia mais correta, é discutir a inserção destes conteúdos da cultura

corporal nas aulas de Educação Física (Rufino, 2009). Por uma questão de simplificação, optou-se pela terminologia *lutas* no presente trabalho.

Entende-se por *lutas* as práticas corporais desenvolvidas ao longo da história, por razões de sobrevivência ou por carácter lúdico, e constituem uma das manifestações básicas da cultura corporal, na qual também estão inseridas as danças, os jogos, as atividades rítmicas, entre outras. Com o passar dos tempos, a perspetiva sobre a temática das lutas tem vindo a mudar. Segundo Rufino (2009) surgiram novas formas de lutar: enquanto umas modalidades foram extintas, outras atingiram o patamar de desporto olímpico, das quais são exemplo o judo, a esgrima, o boxe, o *taekwondo*, entre outras.

No caso específico do Judo, está reconhecido pela UNESCO como modalidade de utilidade mundial na formação do ser humano. Conforme refere Batista (2011), o Judo, enquanto método pedagógico, intervém no domínio cognitivo, social e físico-motor, representando um ótimo método de desenvolvimento motor da criança; contribui ainda para a educação e formação baseadas no bem-estar físico e psicológico.

O próprio Jigoro Kanu, criador do Judo, definiu-o como a máxima eficácia do uso da mente e do corpo para o benefício e bem-estar mútuo, apelando, ainda, ao bom uso da mente, do corpo e da energia. Jigoro acreditava que a prática do Judo contribui, não só para o bom aperfeiçoamento pessoal mas também para beneficiar o mundo, como consequência do aperfeiçoamento pessoal (Schuler, 2007).

Uma vez que a prática do Judo é repleta de importantes valores morais, e sendo uma atividade com uma espectro de abordagem bastante amplo em escalões etários infantis, exerce uma função preponderante na formação global dos alunos, permitindo-lhes a transferência do contexto desportivo para o seu contexto sócio cultural específico. Assim, uma criança que pratica judo aprende a ser disciplinada, a confiar em si própria, a adquirir autocontrolo, autoestima e, acima de tudo, a adaptar-se a novas situações e dificuldades, a cooperar, a ceder e a resistir. (Carratalá, 2012; Castarlenas & Molina, 2002; Cassado & Garcia, 2004)

O Judo, para além de representar uma das manifestações da cultura corporal – que contribuíram para a personalidade das pessoas e para o desenvolvimento das sociedades ao longo dos tempos – é uma mais-valia na formação da personalidade do indivíduo e, possivelmente, está relacionado com o aproveitamento/rendimento escolar. (Batista, 2009; Avelar-Rosa, Figueiredo & Gomes, 2013)

Assim, esta atividade deveria ser de abordagem obrigatória nos programas curriculares de Educação Física no sistema educativo português (à semelhança de outros países europeus, como por exemplo a França onde assume um lugar de destaque).

Pelo Programa Nacional de Educação Física (PNEF), o ensino do judo no contexto escolar está programado para ser dado de forma progressiva, fazendo parte do plano de estudos até o ensino secundário.

Analisando o PNEF constatamos que ao nível do 1º Ciclo não existe referência aos Desportos de Combate (DC) e que esta disciplina só é referida no âmbito do 2º Ciclo, como matéria de introdução e alternativa ao DC (Luta).

Então, por que razão os conteúdos temáticos das lutas são, na prática, tão pouco divulgados? Quais os motivos para muitos professores de Educação Física não ensinarem estes conteúdos nas suas aulas?

Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho foi contextualizar e justificar a lacuna existente no ensino das lutas, mais precisamente do judo, na disciplina de Educação Física. Adicionalmente pretendeu-se apresentar possíveis estratégias que visem a introdução efetiva do judo e das suas características no ensino escolar. Para o efeito, foi realizada uma revisão de literatura sobre estas temáticas.

Desenvolvimento

Ao longo da História existem várias referências às lutas, algumas muito distintas entre si, outras com algumas semelhanças. No entanto, cada uma tinha um significado, de acordo com a sociedade e a época na qual se enquadrava, e todas com as suas práticas e costumes específicos.

Tal como referido por Rufino (2009), e segundo o dicionário Luft: do latim *luctari*, o ato de lutar é definido como *combater, brigar/disputar, competir/trabalhar arduamente; esforçar-se/empenhar-se*. Já a luta em si, é definida como ação de lutar/qualquer combate corpo a corpo/guerra, esforço/empenho.

Como se constata, a luta e o ato de lutar têm significados distintos e podem ser definidos por diversos adjetivos, o que torna arriscado a simples tentativa de definir as lutas. Isto porque, devido aos imensos significados que a luta/ato de lutar apresenta, para que a compreensão sobre esta temática seja correta, é fundamental considerar outros fatores.

Será a própria definição de lutas a origem da resistência na inserção das lutas na escola resultado de preconceito?

Conforme constatado por Rufino (2009), a própria designação das lutas no ensino do desporto escolar constitui uma problemática já que existe muita divergência sobre qual a terminologia a ser utilizada em Educação Física: lutas; artes marciais; modalidades desportivas de combate; desportos de combate.

Mas, independentemente da terminologia utilizada, o conteúdo das lutas ainda é pouco explorado por grande parte dos professores de Educação Física Escolar e, segundo o mesmo

autor, é imperativo que seja desenvolvido diálogo, discussão e debate sobre esta temática pois só assim será possível o desenvolvimento de uma visão crítica do tema que, idealmente, resultará em mudanças e transformações da práxis escolar dos conteúdos de luta.

Rufino e Darido (2009, p. 406), defendem mesmo, que: *“mais relevante não é a discussão sobre qual a terminologia que está mais correta ou que deve ser utilizada, mas sim discutir sobre a inserção desses conteúdos [lutas, artes marciais, modalidades desportivas de combate] que fazem parte da cultura corporal, nas aulas de Educação Física”*.

Mas isto não se verifica e como menciona Armbrust e Marchini (2012 p. 83) *“muitos professores não trabalham as lutas com seus alunos, alegando não ter um espaço adequado, o material adequado, e principalmente devido ao fato de associar lutas com questões de violência”*.

Haverá obstáculos à implementação das lutas no Ensino Escolar? E que tipo de obstáculos? Ou será esta resistência fruto de preconceito?

Carreiro (2005) faz referência a outros obstáculos levantados pelos docentes no ensino das lutas, que se servem de argumentos tais como: a falta de espaço, a falta de material e a falta de vestuário adequado para justificar a resistência no ensino das lutas nas escolas. Mas este autor menciona, ainda, outro argumento importante - a associação a questões de violência. Mas, tal como este autor defende, é fundamental uma procura de elementos teóricos e práticos mais consistentes e coerentes pois só assim é possível diminuir a ignorância sobre as lutas e lhes dar um tratamento mais responsável e menos demagogo, explorando-as como elementos indispensáveis ao desenvolvimento humano.

Outro possível obstáculo ao ensino dos desportos de combate nas escolas, e conforme defendem Del Vecchio e Franchini (2011), é a formação dos profissionais de Educação Física cuja graduação é, na maior parte das vezes, deficiente no que respeita aos conteúdos de luta (maioritariamente nem referidos no ensino superior). Mas este não deveria ser um impedimento pois o professor que não conheça os conteúdos de lutas de forma apropriada pode recorrer a livros, *internet* e revistas para aprender sobre o tema (Correia e Franchini, 2010). Segundo o mesmo autor, o professor pode até aprender com os alunos, teoria também defendida por Rufino (2009), que refere que aprender com os alunos é uma regalia indispensável a qualquer professor.

Tal como afirma Paulo Freire (1996, p.25): *“quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”*.

A falta de formação adequada dos docentes também não deveria ser considerado um impedimento no ensino das lutas já que, de acordo com Carreiro (2005), mais importante do que o professor de Educação Física ter formação numa modalidade específica, é que se sinta

capacitados a lecionar mais uma forma de expressão da cultura corporal que são as lutas. Portanto, a formação profissional não constitui um obstáculo ao ensino das lutas; é apenas importante que o professor tenha formação adequada que o capacite, tanto de ter contacto com os conceitos básicos, como com as formas de ensinar.

Outra agravante em relação à formação profissional dos docentes de Educação Física e ao ensino dos conteúdos de luta prende-se com a falta de informação: as publicações científicas sobre a temática das lutas são escassas. Um estudo realizado por Correia e Franchini (2010) indica que, num total de 2651 trabalhos publicados, apenas 2,93% abordam a temática das lutas/artes marciais/desportos de combate, apontando para um baixo número de artigos voltados para este tema. Assim, não só é fundamental que haja mais pesquisas nestas áreas, como que possam chegar a uma parcela maior de pessoas que intervêm na prática profissional. Sobre este assunto, Correia e Franchini (2010) afirma que ainda é necessário um longo processo de apropriação da temática das lutas, por parte dos profissionais de Educação Física, de forma a haver uma aproximação académica e profissional destes conteúdos, numa transformação didático-pedagógica que resulte na aplicação das práticas de luta nas aulas de Educação Física.

Para Rufino e Darido (2009), o conteúdo a tratar nas aulas de Educação Física é outro fator que limita o tratamento da temática das lutas nas aulas pois são muitas as divergências em relação ao que ensinar sobre este tema.

Então, será, ou não, possível ensinar os conteúdos da temática das lutas nas aulas de Educação Física?

De acordo com a opinião de todos os autores apresentados, sim é possível. Para além das visões já apresentadas, a visão de Betti (2005) sobre a Educação Física dá destaque à temática das lutas; para Betti (2005) a Educação Física na escola trata-se de uma disciplina que tem por finalidade possibilitar aos alunos uma apropriação crítica da cultura corporal do movimento, visando formar o cidadão que possa usufruir, partilhar, produzir e transformar as diversas formas culturais do exercício da motricidade humana, sejam jogos, desporto, danças, lutas, práticas alternativas, entre outras. Também Darido e Souza Júnior (2007) incluem a temática das lutas como um possível conteúdo a ser ensinado na escola. Fica assim evidente a importância da inserção da temática das lutas enquanto conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física, como uma das práticas que compõem o universo da cultura corporal.

Por outro lado, ainda existem muitas incertezas sobre quais as práticas relacionadas com as lutas que devem ser ensinadas, e em que espaço e tempo letivo. A importância das lutas é consensual, todavia não existem estudos que indiquem quando ensiná-las e, principalmente, o que ensinar ao longo do processo de escolarização das lutas.

A questão que se levanta já nem é tanto se é possível ou não inserir e ensinar as lutas na escola, mas sim o que ensinar desses conteúdos.

Darido e Souza Junior (2007) referem que, com simples jogos e brincadeiras, o professor de Educação Física é capaz de abordar as práticas da luta através de inúmeras formas e vivências diferentes. Estes autores defendem que, através deste método simples, o obstáculo da falta de formação adequada deixa de fazer sentido já que com esta metodologia todos os professores de Educação Física são capazes de ensinar os conteúdos de luta, mesmo aqueles que possuem menos contacto com esta temática. Os mesmos autores também propõem que existem outras questões, para além das dinâmicas de jogos e brincadeiras, que devem ser abordadas tais como: a conceituação de algumas modalidades de luta, a história de determinadas práticas e algumas curiosidades sobre algumas lutas, e até mesmo a diferenciação entre lutar e brigar.

Na opinião de Darido e Souza Junior (2007), a área da Educação Física escolar deve ultrapassar a ideia de estar apenas voltada para o ensino do gesto motor correto já que a função da escola não é formar atletas, lutadores nem muito menos competidores de um desporto de combate. Segundo estes autores, o professor de Educação Física deve assumir um papel que contribua para a formação do aluno enquanto cidadão e pessoa autónoma e ética, capaz de aprender as amplas manifestações da cultura corporal. Em suma, o Professor de Educação Física deve, juntamente com os seus alunos, problematizar, interpretar, relacionar e analisar as diferentes formas de manifestações da cultura corporal, incluindo a luta, para que compreendam os sentidos e significados implícitos nas práticas corporais.

Até porque, segundo a taxonomia de Fernando Almada (2008) os Desportos de combate têm como principal objetivo o conhecimento das capacidades de cada indivíduo, que confrontados com situações perigosas, estabelecem um “diálogo” com o adversário, tendo sempre presente que a noção de “morte” estará presente.

Portanto, muito mais do que a execução de golpes, movimentos, gestos técnicos e procedimentos estabelecidos, a tarefa da escola deve ser a de ensinar que as lutas são muito mais do que submeter os colegas a golpes ou movimentos de oposição.

A escola deve ampliar a visão sobre as lutas, ensinando que transcendem os movimentos e gestos, para que os alunos adquiram novas visões e opiniões críticas sobre esta temática. Isto vai de encontro à premissa de Freire (1996) que afirma que o mais importante na formação do docente é a compreensão do valor dos sentimentos dos desejos e motivações dos alunos, da importância da insegurança a ser superada pela segurança e do medo que, ao ser trabalhado, vai gerando a coragem.

Então o ensino das lutas no contexto escolar depende exclusivamente dos professores e da forma como abordam a temática?

Como refere Bracht (2000), o desporto enquanto atividade escolar, só faz sentido quando integrado no projeto pedagógico da escola. Então, qualquer conteúdo de Educação Física escolar, incluindo as lutas, não dependem só de como são tratados pelo professor; também dependem da forma como estão estabelecidos no projeto político pedagógico da escola.

A falta de infraestruturas, e até mesmo o apoio da direção das escolas, continuam a ser alguns dos argumentos utilizados para que os conteúdos de lutas não sejam inseridos nas aulas de Educação Física. Mas esta situação deve ser alterada; é direito dos alunos aprender ao longo dos anos de educação formal, e é dever dos professores ensinar os conteúdos, mas também é dever da escola inserir esses mesmos conteúdos, através do seu projeto pedagógico, nas aulas de Educação Física.

E de que forma podem ser inseridos os conteúdos de luta nas aulas de educação física?

Uma possível estratégia para ampliar a visão sobre as possibilidades a serem ensinadas na escola é através da implementação das três dimensões dos conteúdos, proposta por Rufino e Darido (2009); segundo o autor, esta metodologia resulta numa expansão do papel da educação.

A metodologia de Rufino e Darido (2009) classifica os conteúdos em três dimensões, sendo que cada uma delas responde a uma pergunta: dimensão conceitual (o que se deve saber?), dimensão procedimental (o que se deve fazer?), dimensão atitudinal (como se deve fazer?).

No caso concreto do ensino das lutas na escola, a dimensão conceitual poderia se basear nos conceitos e regras das modalidades, bem como estudos e análises sobre as formas corretas de realizar movimentos; também poderia tratar de aspetos como fatos históricos das diferentes modalidades. No que diz respeito à dimensão procedimental, trataria das questões técnicas das modalidades, nomeadamente os movimentos e gestos corretos, individuais e em grupo. Por fim, a dimensão atitudinal versaria sobre as atitudes e valores que devem ser ensinados em relação às lutas: condutas éticas, valores e princípios que devem reger as práticas das lutas, como respeito mútuo, solidariedade, diferenciação entre luta e briga e, ainda, questões relativas ao respeito dos limites do próprio corpo.

É de notar que, apesar de haver distinção entre as três dimensões dos conteúdos, na prática, devem estar relacionadas entre si de forma a ampliar a visão sobre estas temáticas e, conseqüentemente, facilitando a aprendizagem destes conteúdos.

De entre as três dimensões, e apesar de se complementarem entre si, para Bracht (2000), a dimensão atitudinal toma especial relevo; de acordo com este autor, é fundamental que os professores de Educação Física entendam que não é a condição física nem a habilidade

desportiva do indivíduo que determinará a utilidade que este dará aos movimentos de luta, pelo contrário, é os valores e as normas de comportamentos que lhes forem transmitidos.

Schuler (2007) afirma que os alunos têm o direito de aprender a lutar, mas mais do que lutar, têm o direito a ser. Isto porque as lutas oferecem inúmeras possibilidades de metáforas para a vida; para Freire (1996), lutar é enfrentar, é opor resistência e isso faz parte da vida, muito para além das práticas corporais em si.

É impossível dissociar o lutar do viver pois a vida pode ser considerado como uma dinâmica de uma luta: lutar é a arte da não-aceitação, mesmo que para isso, muitas vezes seja necessário primeiro ceder, para depois vencer.

Conclusões/considerações finais

O Judo está reconhecido pela UNESCO como modalidade de utilidade mundial na formação do ser humano pois representa um ótimo método de desenvolvimento motor da criança e contribui para a educação e formação baseadas no bem-estar físico e psicológico.

Esta atividade deveria ser de abordagem obrigatória nos programas curriculares de Educação Física no sistema educativo português.

De todas as propostas analisadas, fica evidente a inserção da temática das lutas como um conteúdo importante a ser ensinado nas aulas de Educação Física na escola. Contudo, as lutas são um dos conteúdos com mais resistência por parte dos professores, que usam de argumentos como a falta de espaço, a falta de material e a falta de vestuário, para justificar a resistência no ensino das lutas na escola. O próprio preconceito e ignorância em relação às lutas e a sua associação a questões de violência constituem um obstáculo à implementação dos conteúdos de luta na escola. Também a formação dos professores contribui para a resistência no ensino das lutas na escola já que a graduação é, na maior parte das vezes, deficiente no que respeita aos conteúdos de luta.

Mas é fundamental que o professor compreenda a importância da inserção das lutas na escola e entenda que os conteúdos são necessários pois os alunos têm o direito de conhecê-los e vivenciá-los. Para isso, alunos e professores devem compreender os conteúdos e transformá-los para que os alunos aprendam da melhor forma, numa troca que faça com que professores e alunos cresçam, se transformem e aprendam. Como Paulo Freire (1996, p. 25) afirmou “ *quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*”.

Sem conhecer e compreender as lutas enquanto um fenómeno plural e abrangente o seu ensino continuará a ser negado aos alunos pois o professor só pode ensinar aquilo que conhece e, acima de tudo, só ensinará aquilo que for válido e verdadeiro a seus próprios olhos. Ampliar a visão sobre este tema é uma forma de ensinar as lutas de forma mais abrangente e mais

qualificada, resultando na compreensão dos alunos além da dimensão procedimental, incluindo a dimensão conceitual e a dimensão atitudinal.

Os alunos têm o direito de aprender a lutar, mas mais do que lutar, têm o direito a aprender a ser; o conceito de lutas não é limitado única e exclusivamente à concepção desportiva já que oferece inúmeras possibilidades, de prática e de metáforas para a vida.

Referências bibliográficas

ALMADA, F., FERNANDO, C., LOPES, H., VICENTE, A., & VITÓRIA, M. (2008). *A rotura - A Sistemática das actividades desportivas*. Torres novas: VML

AVELAR-ROSA. B., FIGUEIREDO, A & GOMES, M. (2013). *As artes marciais & desportos de combate na educação física escolar e na formação académica dos professores: uma nova abordagem*. Livro de Resumos do III Congresso da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto – Pedagogia do Desporto – Contextos e Constrangimentos. Espinho: CESPU.

BATISTA, M. (2009). *Bem-estar Psicológico – Relação entre prática de Judo e Autoconceito*. Dissertação para obtenção de Diploma de Estudos Avançados e Suficiência Investigadora. Badajoz: UNEX.

BATISTA, M. (2011). *La Práctica de Judo en Relación con el Autoconcepto, la Autoestima y el Rendimiento Escolar de los Estudiantes de Primer Ciclo de Primaria*. Dissertação para obtenção do Grau de Doutor. Badajoz: UNEX.

BETTI, M. (2005). Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(3), 183-197. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16594/18307>.

BRACHT, V. (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, 12, 14-24. Disponível em: <http://www.seer.ufgrs.br/Movimento/article/viewFile/2504/1148>.

CARRATALÁ DEVAL. V. (2012). *O Judo Nos Jovens Com Risco De Exclusão Social*. Actas do Congresso Europeu de Inclusão Social através do Judo e outros Desportos. Lisboa: ULHT.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (2005). *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

CASSADO, C.; GARCÍA, J., (2004). El Judo y las actividades de lucha en el marco de la Educacion Física Escolar: una revisión de las propuestas y modelos de su enseñanza. Disponível em:

<http://www.eweb.unex.es/eweb/cienciadeporte/congreso/04%20val/pdf/0eljudo.pdf>

CASTARLENAS, J. & MOLINA, J. (2002). *El Judo en la educación física escolar: unidades didácticas*. Barcelona: Hispano Europea.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. (2010). Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*, 16(1), 1-9. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/3002613.pdf>.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. (2007). *Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola*. Campinas: Papirus.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. (2011). Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25, 67-81. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25nspe/08.pdf>.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

MARCHINI, A.; ARMBRUST, I. (2012). Educação física e sua influência fora da escola: opinião de alunos do ensino médio. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 11(4), 79-86. Disponível em: <http://www.editorafontoura.com.br/periodico/vol-11/Vol11n4-2012/Vol11n4-2012-pag-79a86/Vol11n4-2012-pag-79a86.pdf>.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. (2009). O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar. In: IV colóquio de pesquisa Qualitativa em motricidade humana: as lutas no contexto da Motricidade, 4.; III simpósio sobre o ensino de graduação em Educação física: 15 anos do curso de educação física da USFCar; workshop, 5.

SCHULER, S. (2007). *Judo e jiu-jitsu e o desenvolvimento integral de crianças em séries escolares iniciais*. Dissertação de Mestrado Profissionalizante. São Leopoldo.